

NOTAS PARA A INTERVENÇÃO NO ENCERRAMENTO DA CONFERÊNCIA DO MOZEF0

NO DIA 4 DE DEZEMBRO 2015, MAPUTO, MOCAMBIQUE

1. Introdução

Vossas excelências, caros colegas e amigos de Moçambique. É uma grande honra para mim ter sido convidado a apresentar algumas observações sobre a economia e o desenvolvimento de Moçambique nesta sessão de encerramento da conferência do MOZEF0.

Na entrevista antes da conferencia tinha de responder à pergunta “porquê eu estou a participar neste fórum”? Eu respondi: “A luta contra a fome, a pobreza e o subdesenvolvimento em Moçambique ainda não acabou”. É um ponto de partida muito importante para mim. Também é verdade dizer que tenho sempre gosto em voltar à terra. Como alguns de vós sabem – Moçambique foi a minha casa durante os anos difíceis de 1980-88 onde por exemplo o Sr. Adriano Maleiane foi o meu chefe durante alguns anos. E simplesmente não posso deixar de voltar – especialmente porque estou a trabalhar há anos com o MPD e agora com o MEF, além de vários outras instituições como a UEM.

Vou tentar focar em dois pontos-chave na minha intervenção: O que sabemos sobre o desenvolvimento de Moçambique, e o que não sabemos. E com esta base vou tentar tirar algumas conclusões. Quero dizer de início que sou economista. Mas não sou economista neoclássico. Sou economista de desenvolvimento – e espero que isso fique claro nos meus comentários.

2. E assim: O que sabemos sobre a economia de Moçambique?

- Sabemos em primeiro lugar que houve melhorias em quase todos os indicadores de desenvolvimento desde de 1996, e em muitos dos casos, progressos importantes.

A nível de vida era muito baixo em 1986 e em 1996. E é importante lembrar que leva como mínimo 10-15 anos para o PIB duplicar com um crescimento por pessoa de 7% por ano. Isso significa que não é surpresa que o nível de desenvolvimento ainda seja baixo em Moçambique.

A consequência é que é sempre necessário manter uma perspectiva de longo prazo quando falamos de desenvolvimento, especialmente porque sabemos que numa economia como a de Moçambique há ligações fracas entre o crescimento macroeconómico e a luta contra a pobreza. Porquê? Um factor importante é porque a economia de Moçambique é uma economia com fraca integração estrutural.

- Sabemos em segundo lugar que a estabilidade macroeconómica melhorou em paralelo com a melhoria nos indicadores de bem-estar.

Sim, em 2015, o Metical está a depreciar a um ritmo acelerado. O ritmo de entrada de divisas no país tem decrescido incluindo as receitas de exportação, investimentos, e donativos. E os preços do pão, energia eléctrica, água e outros agravaram-se recentemente. Em conclusão, há sinais de desafios macroeconómicos durante 2015.

- Sabemos em terceiro lugar que o desafio demográfico é enorme – Moçambique tem de correr para ficar no mesmo lugar

Quase a metade de população tem menos de 15 anos de idade. O rácio de dependência é muito alto e continuará assim pelo menos nos próximos 30-40 anos. Isso significa que existe uma grande necessidade para fornecer serviços públicos nas áreas de saúde e educação. E a população de Moçambique vai duplicar-se nos próximos 30 anos. Esta dinâmica é inevitável porque reflecte decisões de fertilidade já tomadas.

Como é que o mercado de trabalho pode absorver mais mão-de-obra? Aqui sabemos que sectores pequenos não conseguem crescer o suficiente para fazer face a este desafio. Em Moçambique a grande parte da força de trabalho - 80% - depende da agricultura.

O sector empresarial não formal é o segundo sector de ponto de vista de emprego, menor do que a agricultura e maior do que o emprego formal. Esta configuração implica que a maior parte dos novos trabalhadores tem de encontrar emprego na agricultura ou no sector informal. Sabemos que foi assim nos últimos 20 anos e continuará assim pelo menos nos próximos 20 anos.

Sabemos que estes factos implicam que o dinamismo do sector agrário e do sector informal no futuro será de importância essencial para alcançar um crescimento inclusivo. Sabemos que este é um desafio essencial – e não há dúvida que a falta de crescimento da produtividade agrária nos últimos 40 anos tem de mudar. Se não, o crescimento económico não será humanizado.

- Sabemos como ponto quatro que durante o período de 1996 até 2002 a pobreza monetária baixou; mas entre 2002 e 2008 a pobreza monetária não melhorou e ficou por volta de 54,7%.

Choques temporários – em particular nos mercados internacionais em 2008 foi um factor importante. A pobreza monetária não pode diminuir quando o custo de cabaz aumentou. Mas a pobreza também não vai diminuir até que a agricultura avance.

A concentração da força de trabalho na agricultura de subsistência e nas empresas informais implica que os agregados familiares e as pessoas individuais são vulneráveis – e um factor importante aqui é a malnutrição infantil. Significa que choques de varios tipos podem alterar as condições da vida dramaticamente. E implica que é importante pensar num sistema de protecção social.

A estagnação da diminuição da pobreza agregada tambem é resultado de grandes diferenças geográficas. É necessário promover o desenvolvimento equilibrado espacialmente do ponto de visto económico mas também político. Requer que o programa de investimentos seja balanceado.

- Sabemos em quinto lugar que outros elementos do diagnóstico relacionado com o bem-estar e a criação de postos de trabalho incluem:
 - Que os investimentos na agricultura (pesquisa e extensão) podem ter uma taxa de retorno muito grande. Mas Moçambique está atrasado nesta área. É necessário aumentar a quantidade e a qualidade de investimento na agricultura, para assegurar o crescimento económico humano.
 - Tambem é claro que o sector formal está a crescer. E é bom. O problema é que é o sector de serviços que está a aumentar, e não a industria. O dinamismo empresarial formal e privado é infelizmente limitado. E quando acontece é principalmente no Sul – não no Norte. A estratégia nacional de investimento tem de se focar em assegurar um clima favoravel, bem como assegurar

que as infraestruturas físicas são estabelecidas, para além de ser necessário uma capacidade de gestão ; e em geral todas as infraestruturas « suaves ».

- Nota-se também que há muito investimento nos grandes projectos que criam poucos postos de trabalho. Temos que avaliar esta situação no seu conjunto.
- E o sector público é muito grande em comparação com outros países. É necessário desenvolver a capacidade do sector público de gerar rendimento. Há custos que devem ser pagos. Mas ao mesmo tempo é necessário assegurar que os impostos e os incentivos das pequenas empresas sejam razoáveis.
- A assistência internacional ainda é importante. Mas também é importante lembrar que o financiamento através do sistema financeiro é somente um dos estrangulamentos no processo de desenvolvimento. Informação e dados para poder tomar decisões melhores também são chave.
- E a final, o processo de tomada de decisões muitas das vezes vem de cima para baixo. E é muito fragmentado. O novo governo tem uma possibilidade de mudar esta situação e o mesmo pode ser dito sobre o relacionamento entre o sector público, a sociedade civil e o sector privado.

3. Vamos agora falar um pouco sobre o que não sabemos sobre a economia de Mocambique

- *Em primeiro lugar, a evolução da pobreza desde 2008, não conhecemos*

Estamos à espera de novos dados – mas demorou mais do que 5 anos. É muito tempo, e cria dificuldades no processo de análise economic social.

- *Ao mesmo tempo, o mercado de trabalho e a dinâmica da pobreza é pouco conhecido*

Temos muito poucos dados que indicam o que está a acontecer com as mesmas famílias ao longo do tempo – e o mesmo acontece em relação às empresas. Significa que realmente sabemos pouco sobre a vulnerabilidade das famílias e sobre o potencial das PMEs.

- *A avaliação de políticas sectoriais é fraca*

A tradição de acompanhar os indicadores e metas em vez de fazer uma avaliação sobre o que funciona e o que não funciona significa que há um grande desconhecimento em relação aos projectos de investimento.

- *E também, os dados sobre a qualidade dos serviços públicos são fracos*

O acesso a serviços públicos é obviamente essencial. Mas o mesmo pode ser dito em relação à qualidade. Mas existe pouca informação relevante nesta área. Há um grande desconhecimento.

- *Nota-se também que análises de custo-benefício são raras – embora sejam essenciais para gerar informação para a tomada de decisões.*

E uma última questão: não sabemos o que vai acontecer com o relacionamento com o África do Sul. É um processo difícil cheio de incertezas.

4. Algumas conclusões deste diagnóstico incluem que:

Há muito por fazer em Moçambique. A luta contra a fome, a pobreza e o subdesenvolvimento ainda não acabou. Não é uma surpresa – e Moçambique está no caminho. Muitos indicadores melhoraram. Não é a altura de concluir que nada foi feito. É altura de reforçar as actividades e as iniciativas para assegurar que a agricultura começa a crescer em paralelo com o sector empresarial.

E é necessário ficar claro que não se pode fazer tudo ao mesmo tempo. O processo de desenvolvimento envolve escolhas difíceis. Há “trade offs”. Não é possível satisfazer todos ao mesmo tempo. Eu sei que a nova estratégia internacional das NU até 2030 diz para não deixar ninguém para trás. Como objectivo parece muito bonito – mas na prática não é tão simples por que há limitações de recursos e de capacidade de implementação.

O processo de desenvolvimento tem uma tendência de criar aqueles que ganham e aqueles que perdem. Há escolhas a ser feitas. O desafio é que estas escolhas devem ser feitas numa maneira aberta e democrática – com vontade de avaliar francamente o que foi feito bem como o seu impacto. É aqui que o diálogo entre o sector público, o sector privado e a sociedade civil, do meu ponto de ver, tem um papel extremamente importante a jogar no futuro de Moçambique.

Muito obrigado pela vossa atenção.